

movimento e a multiplicidade. Seu princípio fundamental é a afirmação da existência do movimento local, negando a unidade e a imobilidade do ser fundamentando-se na experiência. Já o *estoicismo*, no seu esforço de atingir a felicidade suprema e reconhecendo apenas a realidade corpórea, afirma que o único conhecimento possível é a sensação. Mesmo aceitando a lógica aristotélica, interpreta o conceito como simples nome comum que resume um conjunto de sensações ou representa um grupo de indivíduos semelhantes.

Seguindo a tendência empirista, Hobbes (1588-1679) quer explicar os fenômenos da natureza pelo princípio de causalidade. Como tudo é corporal e os corpos são agentes e pacientes, tudo está regulado, reinando um determinismo absoluto. Na obra *De Corpore* ele afirma que o conhecimento começa pelas sensações, sendo as cores e outros estímulos meras aparências. O que existe fora de nós são apenas os movimentos destas aparências. No nosso cérebro são formadas as imagens e fantasmas destas aparências e na consciência se transformam em discurso mental. A dedução como método de conhecimento é posta em relevo com Hobbes. O que quer dizer que ele pensa por conceitos. Porém, esses conceitos são conceitos de indivíduos e não conceitos universais. São nomes de nomes sem referência com a realidade. Assim é que, pela adição de dois nomes se faz uma afirmação; de duas afirmações se chega a um silogismo; e com vários silogismos se faz uma demonstração. Conceitos para Hobbes são apenas imagens. No entanto, diz que não podemos conhecer as coisas materiais, mas somente aquelas que construímos. Diz ainda que os pensamentos são fluidos, e por causa disso, são necessários sinais que reconduzidos para a mente sejam capazes de lembrar pensamentos passados assim como registrá-los e transmiti-los aos outros. Os nomes são esses sinais.

Da influência da filosofia cartesiana e, principalmente, da aceitação do princípio de que o único objeto do pensamento é a idéia, de um lado, e de outro, das

contribuições de filósofos empiristas que vão de Bacon, Ockham⁸ até Hobbes, nasce a tese de Locke (1632-1704) divulgada na obra *Ensaio acerca do entendimento humano* de que a experiência é limite de todo conhecimento possível. Suas teses podem ser assim resumidas: A idéia é tudo que é objeto do conhecimento quando se pensa.⁹ Idéia pode ser o que Descartes chama de “pensamento” : qualquer fato de consciência. Não há idéias nem princípios inatos, (ex. princípio de identidade), mas todos surgem da experiência. As idéias simples surgem da *sensação* e da *reflexão*: a primeira é a experiência externa que dá idéia dos objetos fora de nós e a segunda é uma experiência interna e fornece idéias de operações psicológicas, como duvidar, crer, raciocionar, conhecer e querer. As idéias complexas são formadas de três formas: combinação de idéias simples, de idéias de relação e pela abstração. Assim surgem as idéias gerais. As idéias abstratas ou universais exprimem unicamente uma coleção esquematizada de idéias simples nas quais se retiveram os caracteres semelhantes, designados pelo mesmo nome comum. E as palavras que são meios para fixar idéias abstratas, não podem ser tratadas como imagens adequadas de coisas, pois são meramente signos

⁸ Ockham aceita que o valor do conhecimento, quer se trate de uma intuição sensível, quer se refira ao conceito expressando o indivíduo, atinge imediatamente o real. Já com relação às idéias universais, o valor objetivo do conhecimento se faz pela *suposição*. “Do mesmo modo que o vocábulo ou termo oral substitui (suponit) a idéia nas proposições e raciocínios, da mesma forma a idéia, o conceito universal ou *termo mental* toma o lugar dos indivíduos reais nas especulações científicas. Somente, enquanto a palavra apenas significa *uma idéia*, o termo mental significa um *grupo inteiro* de indivíduos; e porque as idéias são assim reduzidas a puro “termini supositaes” chamou-se esta solução “terminismo”. (THONNARD,430).

⁹ Locke explica na introdução do *Ensaio* o significado do vocábulo *idéia*. “Julgo que , sendo este termo mais indicado para significar qualquer coisa que consiste no *objeto* do entendimento quando o homem pensa, usei-o para expressar qualquer coisa que pode ser entendida como fantasma, noção, espécie, ou tudo o que pode ser empregado pela mente pensante;” (LOCKE,1978:142)

arbitrários para designar algumas idéias. Essas palavras foram e são escolhidas por acidente histórico e, portanto, podem sofrer mudanças. Pode-se dizer que é uma teoria conceitualista e ao mesmo tempo nominalista.

A tese fundamental empirista da linguagem lockiana encontra-se no § 5, cap.I do livro III – *Palavras*. Em síntese, ele afirma que as palavras enunciam idéias sensíveis. Como isso acontece? Primeiro, poderemos conhecer a origem das nossas noções pela dependência que as palavras têm em comum com as idéias sensíveis; Em segundo lugar, elas podem também significar noções remotas que não possuem relação direta com os sentidos, como, por exemplo, “imaginar”, “apreender”, “compreender”; Um terceiro momento se pode constatar em todas as linguagens, que os nomes que significam coisas e não se encontram sob nossos sentidos derivaram inicialmente de idéias sensíveis. A última etapa, nesse processo de compreensão da origem das idéias, os homens para se comunicarem foram obrigados a emprestar palavras das conhecidas idéias da sensação para que outras pessoas percebam a mesma sensação, mas sem o estímulo externo. A partir daí, “concordaram com os nomes para significar estas operações internas de suas mentes, eles estavam suficientemente providos para tornar conhecidas por palavras todas as suas outras idéias, desde que elas não podiam consistir de nada exceto de percepções sensíveis externas, ou de operações internas de suas mentes a respeito delas.” (LOCKE,1978:222).

Seguindo o caminho aberto por Locke aparecem as obras *Ensaio sobre uma nova teoria da visão* (1709) e *Tratado sobre os princípios do conhecimento humano* de Berkeley (1685-1753). Berkeley nega realidade a qualquer substância material e só aceita os espíritos sujeitos das idéias. Sua idéia central dá como razão de ser às idéias, não seu objeto, mas o sujeito que as produz. O ponto de partida é o de Locke, ou seja, *sensação, reflexão, idéias complexas*. Exclui, no entanto, qualquer idéia de abstração. Pois pensar não é apreender uma essência abstrata, real ou nominal, mas passar de uma idéia à outra através da função de

sinal que assume a idéia. Só existe, portanto, a idéia particular que serve de sinal para outras idéias particulares designada por um nome comum.

O princípio *esse est percipi* de Berkeley significa que os objetos sensíveis têm sua realidade em serem percebidos. Tudo o que não vemos ou pensamos desaparece, pois de real só existem as *idéias* e os *atos de consciência*. As qualidades, como brancura, são apenas nomes comuns para designar objetos concretos. E de uma qualidade primeira se reconduz a uma qualidade segunda, e todas são fatos de consciência. “Berkeley afirma que uma palavra se torna geral, não quando é signo de uma idéia geral, mas quando é signo de várias idéias particulares sugeridas de maneira indiferente.” (NEF,1995:118).

David Hume (1711-1776), na obra *Investigação acerca do entendimento humano*, estabelece num primeiro momento que “todas as nossas idéias derivam mediata e imediatamente de suas impressões correspondentes”. É unicamente da cooperação entre as impressões e as idéias que aparecem no espírito humano – as percepções, obedecendo sempre a esta ordem: primeiro, as impressões, e depois, as idéias. Mas só as impressões simples resistem ao processo de decomposição. As idéias simples quando combinadas entre si, dão origem a idéias complexas. As *impressões* (sensações, paixões e comoções) são fortes e as *idéias* são as imagens fracas.

O que Descartes chama de “pensamento”, Locke e Berkeley “idéia”, Hume chama de “percepção”, o que significa um fato de consciência sob o aspecto subjetivo e representativo de um objeto. Para Hume a idéia representa apenas outro fato de consciência, uma impressão primitiva. E o conhecimento só se dá pela *associação* (semelhança, contiguidade), e *relação* (causa e efeito) O conteúdo das idéias se resume a uma imagem sensível designando um só indivíduo na realidade. O uso universal só é possível pelo hábito da lei de associação. E o hábito é uma tendência evocadora de um nome comum para toda a série de indivíduos. É um nominalista.

Seguindo a trilha dos empiristas e suas concepções de idéia (conceito), encontramos James Mill (1773-1836) que afirma que a *idéia* não é senão a *cópia* da *sensação*, a sua imagem ou traço permanente. As idéias existem na ordem que existiram as sensações. Elas (idéias) depois se associam por contiguidade no espaço e no tempo. Para ele, classificar é denominar. Tudo se reduz a um nome comum agregado indefinido de indivíduos concretos semelhantes. Não é necessário recorrer ao mecanismo de abstração.

Merecem destaque na investigação do conceito as posições de J. Stuart Mill (1806-1873). Na obra *O Sistema da Lógica dedutiva e indutiva* sustenta que o conceito universal não é nada psicologicamente falando, pois não pensamos por conceitos universais e sim por imagens concretas. Em outras palavras, a idéia geral é um nome que sintetiza na memória um conjunto de sensações, no entanto, não vai além do concreto. Porém, pela lei de associação uma idéia é formada da seguinte maneira: juntando fenômenos semelhantes a idéias semelhantes, agregando fatos percebidos como contíguos no tempo e no espaço e nesta repetição as associações se tornam mais certas e mais rápidas, ficando indissolúveis ao ponto dos fenômenos parecerem igualmente inseparáveis na existência. Além dessas associações há o princípio de expectativa, que é a capacidade de formar concepções de sensações possíveis.

Como pensamos por imagens concretas a compreensão e a extensão das idéias se faz pela denotação e pela conotação. Conotação: o nome "homem", por exemplo, conota o grupo de propriedades comuns a todos os homens. Denotação: as propriedades comuns do nome "homem", denota todos os indivíduos que os possuem.¹⁰ Assim o conceito não designa nada de abstrato, sendo o objeto da lógica o fenômeno concreto. As inferências também se realizam de particular a particular e de proposição de outras proposições.

¹⁰ Em geral o termo conceito se refere mais à conotação do que à denotação.

"A resposta a qualquer questão possível deve estar contida numa proposição ou asserção. Tudo o que possa ser objeto de crença ou mesmo de descrença deve, quando expresso em palavras, assumir a forma de uma proposição. Toda verdade e todo erro estão na forma de proposições. O que, por um abuso cômodo de um termo abstrato, chamamos verdade significa apenas uma proposição verdadeira; e erros são proposições falsas."

(MILL,1984:90).

A empiria, tratada por filósofos da experiência e mais precisamente da linguagem e da análise, apresenta quase sempre dois momentos distintos: 1. Como se origina o conhecimento; e, 2. Como é comunicado esse conhecimento. Condillac, por exemplo, estuda as operações do espírito e subordina a linguagem a uma filosofia empirista do espírito. Já Lambert (1728-1777) tem seu pensamento embasado no isomorfismo entre os conceitos e as coisas. Para ele os conceitos são decompostos em marcas que correspondem às propriedades do objeto. No entanto, foi o neopositivismo ou o positivismo lógico que realça a análise filosófica da linguagem como podendo levar a um esclarecimento filosófico do pensamento. E é com Russell e Moore que se introduz o termo "analítico" no sentido de atividade conceitual como método de esclarecimento dos enunciados. Desde Frege há uma dupla tendência, "por um lado, de reconhecer uma impossibilidade radical de apreender o pensamento nu, sem roupagem lingüística, e por outro lado, de insistir no fato de que a atividade de análise se exerce na e pela linguagem". (NEF,1995:135).

Não se pode deixar de estudar os significados de conceitos apresentados por Frege (1848-1925), quando da sua tentativa de conceituar o número e na busca de uma linguagem

específica para a filosofia / matemática. Ele não usa a palavra 'conceito' como um termo psicológico. O conceito é uma função de um argumento de valor de verdade. Mas pode acontecer do conceito ser confundido com o objeto, quando se considera um objeto que pertence a um conceito como uma relação¹¹ na qual a mesma coisa pode ocorrer umas vezes como objeto e outras vezes como conceito. Na linguagem, muitas vezes, se atribui certo número a objetos, mas não a conceitos. "Por propriedades que se enunciam de um conceito entendendo naturalmente não as notas características que compõem o conceito. Estas são propriedades das coisas que caem sob o conceito, não do conceito." (FREGE, 1974:§ 53).

B. Russell (1872-1970), por sua vez, não quer construir uma nova linguagem mesmo sendo a linguagem usual enganadora. Pela sua teoria das descrições, quer resolver pela análise os falsos problemas metafísicos que se incorporam nos erros da linguagem. Em outros termos, erros provenientes da atitude de se tomar a forma da lógica dos enunciados pela sua forma gramatical. Compete ao filósofo esclarecer os conceitos, as proposições e as demonstrações científicas. Na sua longa travessia filosófica Russell ora afirmava ser o problema dos universais destituído de fundamento, ora declara-se a favor dos universais. Posição idêntica ele tem com referência ao empirismo.

¹¹ Se um conteúdo judicável que trata de um objeto *a* e de um objeto *b* separamos *a* e *b*, resta-nos um conceito relacional, que assim carecerá duplamente de complementação. Se na proposição "A Terra tem mais massa que a Lua" separamos "a Terra", obtemos o conceito "tem mais massa que a Lua". Se por outro lado separamos o objeto "a Lua", obtemos o conceito "tem menos massa que a Terra". Separando ambos ao mesmo tempo, permanece um conceito relacional, que por si só tem tão pouco sentido quanto um conceito simples: requer complementação para tornar-se um conteúdo judicável. Isto porém pode dar-se de maneiras diferentes: ao invés de Terra e Lua posso colocar, por exemplo, Sol e Terra, e é precisamente assim que se efetua a separação.

Cada par de objetos coordenados está – poder-se-ia dizer, como sujeito – para o conceito relacional como cada objeto está para o conceito sob o qual cai. O sujeito é aqui composto." (FREGE, 1974:§70).

De início adepto convicto de Platão, depois acredita ser a metafísica destituída de sentido e a filosofia simplesmente empírica, tendo que nos seus últimos livros admitir a impossibilidade de um empirismo puro.

Dentro da escola neopositivista cabe destaque para Carnap (1891-1971) pela vasta contribuição para a filosofia. Foram estudados por ele temas como a semântica, as regras de sintaxe lógica ou formal, sentidos de denotação e conotação e a definição da pragmática. A semântica é o estudo do aspecto designativo da linguagem e do significado das expressões lingüísticas. Já a sintaxe procura descrever as relações entre expressões e a pragmática. A semântica e a sintaxe descritiva são disciplinas empíricas e analisam linguagens historicamente dadas. A pragmática se interessa pela relação das expressões com os seus usuários.

O objeto da sintaxe lógica para Carnap é fornecer um sistema de conceitos, uma linguagem, e assim seus resultados possam ser formuláveis. A filosofia deveria ser substituída pela lógica da ciência, que é a análise lógica dos conceitos e das proposições da ciência, sendo que a lógica da ciência é a sintaxe lógica da linguagem científica. Aqui ele coloca a questão da linguagem-objeto que pode ter esclarecidas suas proposições por um outra linguagem que chamou de metalinguagem.¹² Wittgenstein, posteriormente, vai radicalizar afirmando não existir tal metalinguagem.

Carnap na sua obra *Introdução à semântica* apresenta o conceito como propriedade, atributo ou função. Para o filósofo o conceito tem duas funções: a primeira é uma função que é revelar a essência do mundo e por isso a função se identifica com a natureza do conceito; a segunda função é simbólica:

¹² "Enquanto com a primeira, de tipo artificial-simbólico, são estabelecidas as fórmulas (axiomas e teoremas), representando a estrutura das proposições logicamente verdadeiras, com a segunda exprimem-se os nexos e as regras a elas inerentes, contribuindo a distinção entre os dois idiomas para assegurar extrema precisão e imunidade nas confrontações de paradoxos, antinomias e similares." (PASQUINELLI, 1983:48)

- a) é reconhecadora dos objetos de experiência a fim de permitir o seu reconhecimento, como uma antecipação;
- b) é classificadora (econômica) do conceito, isto é, classifica os fatos nos conceitos;
- c) é organizadora, quer dizer, organiza os dados da experiência para estabelecer as relações lógicas, ou deduzir;
- d) é previdente, o que significa a capacidade de previsão do nome de antecipação.

É uma função utilizada pela ciência para predizer experiência e resultados futuros, à luz da experiência passada.

6. O Conceito em Wittgenstein

“O limite da empiria é a formação de conceitos” é uma frase de Wittgenstein que se encontra na obra *Observações sobre os fundamentos da matemática* – Parte IV, §20, e que parece ser análoga a outra proposição célebre que diz “*Os limites de minha linguagem* significam os limites de meu mundo. (TLP, 5.6). E se nesta o universo é limitado pela linguagem, na primeira os conceitos parecem ser resultados da empiria e ao mesmo tempo a empiria é iluminada pelos conceitos. Diz o filósofo que parece que sempre acomodamos nosso pensar à empiria e mesmo assim não deixamos de ser racionais ou, ainda, que mudamos a forma de pensar. A regra e o conceito que possamos seguir não deixa claro o modo de experiência ou aspectos que correspondam ao contrário.

Para que compreendamos melhor o que estamos tentando demonstrar, é preciso lembrar que Wittgenstein desde o *Tractatus* afirma que a filosofia não trata de problemas, mas de pseudoproblemas, e que sua tarefa seria de esclarecer os pensamentos através da análise da linguagem.

Contra uma concepção pneumática do pensamento em que se procura construir teorias ou elaborar considerações científicas, Wittgenstein diz que toda *elucidação* deve

desaparecer e dar lugar à descrição. Esta descrição deve ser enfocada sob a luz dos problemas filosóficos.

“Estes problemas não são empíricos,¹³ mas são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que esse seja reconhecido: contra o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido. A filosofia é uma luta contra o enfeitiçamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem.”

(IF,109).

Mas, por que a filosofia que quer ser independente de toda experiência e buscar a coisa derradeira, é tão complicada?, pergunta Wittgenstein. Ora, se a filosofia desfaz nós no nosso pensamento, o seu resultado deveria ser simples e não ter uma estrutura tão confusa. (Z, 452).

As *Investigações Filosóficas* abrem com uma definição de linguagem de Santo Agostinho onde se afirma que ao nomear um objeto, e ao mesmo tempo se dirigir a ele, o outro perceberia e compreenderia que o objeto fora designado pelos sons emitidos para designá-lo. Essa dedução seria algo natural ou pertenceria à linguagem natural que é formada pelos gestos. Wittgenstein diz em seguida que essa linguagem é apresentada como a essência da linguagem humana, isto é, as palavras denominam objetos, e cada palavra teria uma significação. A

¹³ Os problemas filosóficos são questões *a priori* que não podem ser resolvidos pela observação empírica, mas como eles não se referem a nada oculto, mas sim a conceitos que estão no discurso da linguagem ordinária. O entendimento de tais conceitos é uma condição para o estabelecimento de novos fatos empíricos. (Z,452; IF,89)

palavra assim substitui o objeto.(IF,1). Ora, esse tipo de linguagem é primitiva porque põe a “essência” no lugar do objeto que a palavra substituiu, mesmo que seja objeto de natureza mais profunda ou metafísica. (SILVA,1997:69).

Segundo o filósofo austríaco toda a filosofia sofre desse mentalismo resultante da linguagem agostiniana. A metafísica surge precisamente quando não se encontrando um objeto real que a palavra substitui, cria-se um superconceito relacionado a algo não experienciado. Porém, ao introduzir os jogos de linguagem, Wittgenstein quer mostrar a possibilidade de buscar o significado das palavras no uso que delas se faz na vida cotidiana. E os jogos de linguagem são inumeráveis e por isso há

“inúmeras espécies diferentes do emprego daquilo que chamamos de “signo”, “palavras”, “frases”, .E essa pluralidade não é nada fixo, um dado para sempre; mas novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem, como poderíamos dizer, nascem e outros envelhecem e são esquecidos.”

(IF,23).

É por não levar em consideração o significado que a palavra tem no uso cotidiano que os filósofos, ainda segundo Wittgenstein, usam uma palavra – “saber”, “ser”, “objeto”, “eu”, “proposição”, “nome”, e procuram apreender a *essência* da coisa. (IF,116). Também o uso de quase todos os verbos filosóficos é confuso. Por exemplo: o conceito ‘pensar’ é retirado do dia-a-dia. Então o que primeiro fixa a direção é a palavra <<pensar>>, mas sua utilização é confusa.(Z,113).

Para se desvencilhar da linguagem agostiniana é preciso entender o que significa imagem (*Bild*) dentro da linguagem. Imagem pode ser contemplada como uma representação para que se perceba a coisa sob um ponto de vista determinado, para que estabeleça relações entre objetos, ser

delimitada para se distinguir desses objetos e caracterizá-la através de certos modelos. Podemos acrescentar que seriam *paradigmas* que são requeridos para o emprego das palavras.¹⁴ Os conceitos, de certa forma, estão interrelacionados com o paradigma, por que eles, os conceitos, correspondem a uma maneira de:

- a) organizar situações;
- b) técnica de descrever ou representar objetos;
- c) uma prática > estabelecer o referencial.

O significado de paradigma está relacionado com os conceitos de imagem e de representação. Segundo Arley Moreno o paradigma corresponde a uma técnica de uso da linguagem em que são ativadas palavras e objetos previamente organizados através de outras técnicas. Assim sendo, um objeto é escolhido ou construído e, em seguida, apresentado como modelo para a aplicação de palavras. Os objetos assim investidos da função de modelo são meios de representação de palavras e, enquanto tais, já fazem parte da linguagem. Esses objetos se tornam regras ou normas para o uso de palavras. Em síntese, um paradigma é formado por *palavras* (IF,16), *hipóteses* e *objetos*. Os *objetos* (escolhidos ou construídos) se tornam *regras*, *instrumentos de linguagem* ou *ferramenta* e, por fim, *modelo*.

Além dos jogos de linguagem, Wittgenstein também introduziu conceitos como *Gramática Filosófica ou profunda e Formas de Vida*. A *Gramática Filosófica* está ligada ao conceito de terapia e é, portanto, um instrumento de crítica das ilusões filosóficas. Já *Formas de Vida* é o contexto ou sistema do qual a linguagem faz parte.(IF,23) “Na *linguagem* os homens estão de acordo. Não é um acordo sobre as opiniões, mas sobre o modo de vida.” (IF,241).

¹⁴ “Se esquecemos qual a cor que tem este nome, perde este sua significação para nós; isto é, não podemos mais jogar um determinado jogo de linguagem com ele. E a situação é então comparável àquele em que se perdeu o paradigma que era um meio de nossa linguagem.” (IF,57)

“Seria correto dizer que os nossos conceitos refletem a nossa vida? Eles estão no meio dela”.

(AC,302).

Com relação ao nominalismo Wittgenstein afirma não praticá-lo, mesmo que ao examinar um conceito se analisa o emprego de uma palavra. Pode parecer com o nominalismo, mas os “nominalistas cometem o erro de interpretar todas as palavras como *nomes*, portanto não descrevem realmente o seu emprego, mas, por assim dizer, dão apenas uma indicação formal para a descrição.” (IF,383).

O realismo e o idealismo em filosofia também parecem sem sentido para Wittgenstein. Na prática o realista ensinará ao filho a palavra “fada” ou “não existe fada” quando se deparará com pessoas de outras crenças. Por outro lado, o idealista ensinará a palavra “cadeira” para o filho a fim que saiba cumprir uma ordem. “Onde reside então a diferença entre o que crianças educadas por um idealista ou por um realista dizem? Não será a diferença apenas no grito-de-guerra?” (Z,413-414).

Finalmente, podemos dizer que Wittgenstein exclui da reflexão filosófica as explicações causais para fenômenos empíricos, porque elas são irrelevantes, já que os problemas filosóficos são *a priori* e conceituais. É na gramática que se deve buscar a elucidação dessas questões. Daí a afirmação que o limite da empiria é a formação de conceitos. Portanto, a tarefa da filosofia é analisar a linguagem e separar as proposições empíricas das proposições gramaticais. “Investigações filosóficas: investigações conceituais. O essencial da metafísica: apaga a distinção entre investigações factuais e conceituais.” (Z,458).

Conclusão

Sendo a Filosofia um conhecimento que se encontra aquém e além do senso comum e da ciência, seus conceitos podem ser conceitos sem objetos, mas por outro lado, eles não se sustentariam sobre os andaimes de inúmeros outros conceitos empíricos?

Referências Bibliográficas

- AYER, A J. *O Problema do conhecimento*. Lisboa:Ulisséia,1960.
- . *As Questões centrais da filosofia*. Rio de Janeiro : Zahar, 1975.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Ed. Valentín Garcia Yebra. Madri : Gredes,1970.
- . *Organon – Analíticos posteriores*. Trad. Pinhara Gomes. Lisboa: Guimarães Ed.,1987.
- BACON, F. *Novum organum ou Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza; nova Atlântida*. 3ª ed. Trad. José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo : Abril Cultural, 1984.
- BRUGGER, W. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo : Ed.Herder,1962.
- CASSIRER, E. *Filosofia de las formas simbólicas-I, El lenguaje*. Trad. Armando Morones. México : Fondo de Cultura Económica, 1985.
- CHAUVIRÉ, C. *Wittgenstein*. Trad. Maria Luiza X. de A Borges. Rio : Jorge Zahar,1994(?)
- DALL’AGNOL, D. *Ética e linguagem: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein*. 2ª ed. Florianópolis : Ed.da UFSC, Ed.UNISINOS,1995.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. *O que é filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1992.

DESCARTES, R. *Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas.* 3ª ed. Trad. J. Guinburg e Bento Prado Júnior. São Paulo : Abril Cultural, 1983. (Col. Os Pensadores).

ESPINOSA, B. *Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética; Tratado político; Correspondência.* Trad. Marilena Chauí (et al.). São Paulo : Abril Cultural, 1973. (Col. Os Pensadores).

FREGE, G. *Sobre o sentido e a referência.* In: ————. *Lógica e filosofia da linguagem.* São Paulo : Cultrix, 1978.

GASSET, O J. *Que é Filosofia?* Trad. Luís Washington Vita. Rio de Janeiro : Livro Ibero-americano, 1961.

GARGANI, A. G. *Wittgenstein.* Trad. Carmem Carvalho. Lisboa : Ed. 70, 1988.

GIANNOTTI, J. A. *Apresentação do Mundo. Considerações sobre o pensamento de Ludwig Wittgenstein.* São Paulo : Cia. das Letras, 1995.

GRANGER, Giles-Gaston. *Por um conhecimento filosófico.* Trad. Constança M. Cesar e Lucy Moreira Cesar. Campinas, SP : Papyrus, 1989.

HALLER, R. *Wittgenstein e a Filosofia Austríaca: Questões.* Trad. Norberto de Abreu e Silva Neto. São Paulo : Edusp, 1990.

HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas em apítome.* Vol. I. Trad. Artur Morão. Lisboa : Edições 70, 1988.

———. *Fenomenologia do Espírito; Estética: a idéia e o ideal; Estética: o belo artístico e o ideal; Introdução à*

história da filosofia. 3ª ed. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz, Orlando Vitorino, Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo : Abril Cultural, 1985. (Col. Os Pensadores)

HINTIKKA, Merrill B. e Hintikka Jaakko. Trad. Enid Abreu Dobranszky. *Uma Investigação sobre Wittgenstein.* Campinas/SP : Ed. Papyrus, 1994.

HUME, D. *Investigação acerca do entendimento humano.* Trad. Anoar Eiex. São Paulo : Ed. Nacional, Ed. Usp, 1972.

HUSSERL, E. *Investigações Lógicas: Sexta investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento.* 2ª ed. Trad. Zelijko Loparic. São Paulo : Abril Cultural, 1985. (Col. Os Pensadores).

KANT, I. *Crítica da Razão Pura.* 4ª ed. Trad. Manuel Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa : Ed. Fund. Calouste Gulbenkian, 1997.

———. *Textos Selecionados.* Trad. Tania Maria Bernkopf, Paulo Quintela e Rubens Rodrigues Torres Filhos. São Paulo : Abril Cultural, 1984. (Col. Os Pensadores).

LEIBNIZ, G. W. *Novos Ensaio sobre o Entendimento Humano.* Trad. Luiz João Baraúna. 2ª ed. São Paulo : Abril Cultural, 1984. (Col. Os Pensadores).

LOCKE, J. *Carta acerca da tolerância; Segundo tratado sobre o governo; Ensaio acerca do entendimento humano.* 2ª ed. Trad. Anoar Eiex e E. Jacy Monteiro. São Paulo : Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores)

MARITAIN, J. *Elementos de filosofia II – A ordem dos conceitos, Lógica menor (lógica formal).* 4ª ed. Trad. Ilza das Neves. Rio de Janeiro : Ed. Agir, 1962.

MILL, J. S. *Sistema de Lógica dedutiva e indutiva e outros textos.* 3ª ed. Trad. Moão Marcos Coelho e Pablo Rubén Mariconda. São Paulo : Abril Cultural, 1984. (Col. Os Pensadores).

MONK, Ray. *Wittgenstein o dever do gênio*. Trad. Carlos Afonso Malferrari, São Paulo : Cia. das Letras, 1995.

MOORE, G. E. *Princípios éticos; Escritos filosóficos; Problemas fundamentais da filosofia*. Trad. Luiz João Baraúna, Pablo Rubén Mariconda. 2ª ed. São Paulo : Abril Cultural, 1985.

MORA, J. F. *Diccionario de Filosofia*. Buenos Aires : Ed. Sudamericana, 1971.

MORENO, Arley R. *Wittgenstein através das imagens*. Campinas/SP : Ed. da Unicamp, 1993.

NEF, Frédéric. *A Linguagem – Uma abordagem filosófica*. Trad. Lucy Magalhães, Rio, Jorge Zahar, 1995.

PASQUINELLI, Alberto. *Carnap e o Positivismo Lógico*. Trad. Armindo José Rodrigues. Lisboa : Edições 70, 1983.

PEIRCE, C. S. e FREGE, G. *Escritos escolhidos; Sobre a justificação científica de uma conceitografia; Os fundamentos da aritmética*. Trad. Luís Henrique dos Santos. São Paulo : Abril Cultural, 1974. (Col. Os Pensadores).

QUINE, W. V. *O sentido da nova lógica*. 2ª ed. Curitiba : UFPR, 1996.

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias*. Trad. Álvaro Cunha. São Paulo : Ed. Paulinas, 1991.

———. *Para uma nova interpretação de Platão – Releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das “Doutrinas não-escritas”*. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Ed.Loyola,1997.

RYLE, Gilbert, AUSTIN, J. Langshaw, QUINE, W. van Orman e STRAWSON, P. Frederick. *Ensaio*. Trad. Baltazar Barbosa Filho (et al.), São Paulo : Ed.Abril,1985. (Col. Os Pensadores).

RORTY, R. *A filosofia e o espelho da natureza*. Trad. Antônio Tránsito. Rio de Janeiro : Relume-Dumará,1994.

RUSSELL, Bertrand. *Nosso Conhecimento do Mundo Exterior: estabelecimento de um campo para estudos sobre o método científico em Filosofia*. Trad. Haddock Lobo. São Paulo : Ed.Nacional,1966.

———. *Lógica e Conhecimento – Ensaio* escolhidos. Trad. Pablo Rubén Mariconda. São Paulo : Abril Cultural, 1974.

———. *A perspectiva científica*. 4ª ed. Trad. José Severo de Camargo Pereira. São Paulo : Cia. Ed. Nacional, 1977.

SILVA, M. O. *O mundo dos fatos e a estrutura da linguagem: a notícia jornalística na perspectiva de Wittgenstein*. Porto Alegre : Edipucrs, 1997.

SPANIOL, W. *Filosofia e Método no segundo Wittgenstein*. São Paulo : Ed. Loyola, 1989.

STEGMULLER, W. *A Filosofia Contemporânea: introdução crítica*. 2º vol. Trad. Hauptströmungen der Gegenwartsphilosophie. São Paulo : EPU, 1977.

THONNARD, F. J. *Compêndio de História da Filosofia*. Trad. Valente Pombo. Paris : Soc. S. João Evangelista, 1953.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos, São Paulo : Edusp, 1994. (TLP).

———. *Investigações Filosóficas*. 2ª ed. Trad. José Carlos Bruni, São Paulo : Ed. Abril, 1979. (IF).

———. *Los Cuadernos Azul y Marron*. Trad. Francisco Gracia Guillen, Madrid : Ed. Tecnos, 1989. (CAM).

———. *Da Certeza*. Trad. Maria Elisa Costa, Lisboa : Ed. 70, 1990. (C).

———. *Fichas (Zettel)*. Trad. Ana Berhan da Costa, Lisboa : Ed. 70 1989. (Z).

WITTGENSTEIN, L. *Anotações sobre as Cores*. Trad. Felipe Nogueira e Maria João Freitas, Lisboa : Ed. 70, 1987. (AC).

———. *Observaciones sobre los fundamentos de la Matemática*. Trad. Isidoro Regueira, Madrid : Alianza Editorial, 1987. (OFM).

———. *Aulas e Conversas sobre Estética Psicologia e Fé Religiosa*. Trad. Miguel Tamen, Lisboa : 1991.(EPF).

ZILHÃO, A. *Linguagem da Filosofia e Filosofia da Linguagem. Estudos sobre Wittgenstein*. Lisboa : Ed. Colibri, 1993.